

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
**TRABALHO ACADÊMICO:
ESPAÇO DISCURSIVO DE POLIFONIZAÇÃO
OU MONOFONIZAÇÃO?**

Cleide Emília Faye Pedrosa (UFSE)

cleidepedrosa@oi.com.br

Cleide Selma de Souza Matos (UFSE)

Sônia Pinto de Albuquerque Melo (UFSE)

INTRODUÇÃO

Neste artigo, “Trabalho acadêmico: espaço discursivo de polifonização ou monofonização?”, propomos identificar e analisar as marcas discursivas do discurso reportado que contribuem para uma tendência à polifonização ou monofonização do trabalho acadêmico. Através dessa identificação e análise, objetivamos constatar a influência do aspecto dialógico da linguagem segundo a perspectiva bakhtiniana, corroborando sua visão de que toda linguagem é dialógica, contudo tende a uma monologização ou polifonia segundo as vozes sejam assimiladas ou polimizadas entre si.

**TRABALHO ACADÊMICO:
ESPAÇO DISCURSIVO DE POLIFONIZAÇÃO
OU MONOFONIZAÇÃO?**

Sustentação teórica e metodológica

A dialogia, aspecto da linguagem defendido por Bakhtin, é entendida como interação dos interlocutores entre si e entre suas cosmovisões em um determinado momento histórico e contexto social. Se, portanto, o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido discursivo, o discurso, por sua vez, não pode ser concebido como individual tanto pelo fato de que ele se constrói entre, pelo menos, dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais, como pelo fato de que ele se constrói como um diálogo entre discursos, isto é, mantém relações com outros discursos. Assim é que veremos o trabalho acadêmico (ou gênero discursivo acadêmico), seja um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de disciplina, uma monografia de especialização, como um espaço discursivo em que se evocam outros textos ou outras vozes.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

O gênero acadêmico, tipo TCC, monografia de final de curso, caracterizam-se por usar estratégias lingüísticas e discursivas que se apóiam na fala do Outro. Assim, citações, paráfrases são recursos utilizados para fundamentar argumentos de autoridade. Geralmente, um indivíduo que se anuncia usa o “eu” para marcar sua fala, no entanto, em um trabalho acadêmico, há a orientação que se utilize o “nós” ou a forma impessoal.

O estatuto do discurso relatado, ou o uso da palavra do outro tem sido objeto de estudos em vários campos, e na atualidade, após influência bakhtiniana, destaca-se no campo da Análise do Discurso.

O discurso citado, ou relatado, é, nas palavras de Bakhtin (2002, p. 144) “o *discurso no discurso, a enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação*”. O discurso do Outro pode entrar tanto no discurso quanto na sua construção sintática, como uma unidade de sua própria construção. “Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama lingüística do contexto que o integrou” (*idem*). Esse discurso relatado é visto, facilmente, pelo leitor de uma monografia, trabalho de conclusão de curso de disciplina como a enunciação de *outra* voz, completamente independente na origem, dotada de uma construção completa, situada fora do seu contexto e aplicada e transferida para um novo contexto que se fundamenta para argumentar a favor do texto que está em construção.

No discurso direto, essa voz espera-se, conserva sua integridade lingüística e, em parte, seu conteúdo; já no discurso indireto híbrido, os aspectos lingüísticos são diluídos e adaptados à situação citante. Tanto no discurso direto (DD) quanto no discurso indireto (DI), o plano temático se mantém na enunciação em constituição. Bakhtin (2002, p. 147) afirma:

Estamos bem longe, é claro, de afirmar que as formas sintáticas -- por exemplo, as do discurso direto ou indireto -- exprimem de maneira direta e imediata as tendências e as formas da apreensão ativa e apreciativa da enunciação de outrem. É evidente que o processo não se realiza diretamente sob a forma de 'discurso direto ou indireto. Essas formas são apenas esquemas padronizados para citar o discurso. Mas esses esquemas e suas variantes só podem ter surgido e tomado forma de acordo com as tendências dominantes da apreensão do discurso de outrem.

Considerar esse texto, que apresenta essas configurações lingüísticas, é admitir que a língua, como sistema virtual, apresenta recursos que atende ao texto, no caso um multi-sistema (Beaugrande *apud* Gomes

2002) que se define como um evento comunicativo, formado a partir de ações lingüísticas e sociais.

Maingueneau (2001), destacando o aspecto social do texto, indica nos que, em um discurso, as vozes são marcadas por seus lugares sociais. Os interlocutores marcam ao mesmo tempo o lugar que pretende ocupar e o lugar que pretende conferir ao outro no discurso. Obviamente, que no texto acadêmico, os lugares são marcados por filiações de práticas discursivas, por embates teóricos defendidos ou rejeitados.

Para Mey (2001), o exercício da voz no discurso (polifonia) é uma atividade política porque o discurso é uma noção política. Ele vai mais além e afirma que “a correta interpretação das vozes e dos textos pertence a seus donos; além disso, os ‘textos’ não são nada mais do que uma metáfora daqueles grupos de relações sociais aos quais, em minha terminologia, é dada uma ‘voz’ para que esta seja falada e lida” (Mey, 2001, p. 251, 252).

O processo da polifonia é necessário para explicar alguns aspectos da linguagem, como: pressuposição, certos tipos de negação, argumentação, discursos direto, indireto e indireto livre, citações explícitas, uso de aspas, forma híbrida, ironia; todos são elementos indispensáveis para diferenciar o indivíduo real que produziu o enunciado e o sujeito do enunciado, narrador ou emissor identificado em textos verbais pelo sujeito gramatical “eu” no momento do consumo, tendo em vista que, necessariamente, ao lado do papel que se instaurou para o autor empírico, existe o papel da audiência, ouvinte ou leitor, isto é, indivíduos a quem caberá interpretar o texto produzido – o “tu”, “você” – receptores ou co-autores.

Considerando-se os aspectos aludidos, é importante salientar que, nesta discussão se evidenciará o papel do discurso direto, do discurso híbrido e das aspas como processos discursivos que podem evidenciar a polifonia ou a monologização do texto.

Para efetivar este estudo, o mesmo terá como *corpus* de análise trabalhos desenvolvidos por alunos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe e por professores da UFS que fizeram seu Mestrado ou Doutorado dentro ou fora do Estado. Os trabalhos serão na área de Ciências Humanas, com enfoque no curso de Letras.

Os dados coletados, nesta fase, corresponderam a Cinco (5) Trabalhos de conclusão de curso de graduação, sendo três (3) da área de História, um (1) de Comunicação e um (1) de Educação e a duas (2) mono-

grafias de especialização em Letras, perfazendo um total de quinhentas e cinco (505) páginas.

Critérios de análise, análise e resultados

Esta pesquisa demonstrará como apreendemos o discurso de outrem em situação de trabalhos acadêmicos. Como o receptor recebe a enunciação de outrem que se exprime por meio do discurso direto, híbrido e se aspas.

Monografias são tipos de gêneros acadêmicos onde encontramos as formas do discurso citado que apontam para estratégias discursivas bastante exploradas na comunidade de prática que se desenvolve dentro da academia. Além dos aspectos discursivos, também podemos identificar como a língua gramaticaliza essas estruturas.

Nesta pesquisa, como reafirmado, se evidenciará o papel do discurso direto, da forma híbrida e das aspas como processos discursivos que podem evidenciar a polifonia ou a monologização do texto.

No que alude ao discurso direto e modalização em discurso segundo, Maingueneau (2001, p. 138) afirma que “quando o enunciador cita no discurso direto a fala de alguém, não se coloca como responsável por essa fala.” Este recurso corrobora a autenticidade do dizer do enunciador, o qual emprega as palavras de outrem, que detenha inegável conhecimento na área abordada, no próprio enunciado, por acreditar que a explanação assumirá um caráter de verossimilhança diante do leitor. Segundo o mesmo autor esse discurso relatado “constitui *uma enunciação sobre outra enunciação*” (p. 139). Os dois acontecimentos enunciativos são postos em relação: a enunciação citada e a enunciação citante. A forma mais simples de o enunciador apontar que não é responsável por um enunciado é fazendo a **modalização em discurso segundo** (termo cunhado por Authier Revuz, apud Maingueneau, 2001). No qual, fica clara a subordinação do enunciador ao apoiar-se no discurso de outrem, isentando-se da responsabilidade do enunciado.

Diante deste fato, apresentaremos alguns **exemplos de modalizadores** (‘de acordo’, ‘segundo’, ‘nas palavras de’ etc) em discurso segundo frequentemente utilizados em trabalhos acadêmicos:

- a) “**De acordo com** Meihy, atualmente a história oral já se constitui parte íntima do debate sobre a função do conhecimento histórico e atua em uma linha [...]”. (Santos, 2002, p. 14)

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

- b) “**Segundo** José Carlos Meihy, ‘para a história oral, a memória individual só interessa [...] fenômeno social’.” (Santos, 2005, p. 14).
- c) “**Nas palavras de** Le Goff: ‘a memória, onde cresce a história, que por sua vez dela se alimenta procura saber o passado para sentir o presente e o futuro’.” (Santos, 2002, p. 14).
- d) “**Conforme relata** o Nordeste: neste momento, em vista da carestia de vida decorrentes dos horrores da guerra, torna-se urgente e inadiável um movimento no sentido de alevantar os salários [...]” (Santos, 2005, p. 19).
- e) “**Para** Perelman ‘os auditórios julgam-se uns aos outros’.” (Araújo, 2007, p. 55).
- f) “**Como argumenta** Resende, ‘[...] é interessante propor que o texto, em seu caráter estruturante e estruturador seja o centro a partir do qual o olhar será direcionado’.” (Santos, 2006, p. 6).
- g) “**De acordo com** a professora Joelma Porto, nos primeiros momentos foi muito difícil à adaptação ao TC 2000. Foi necessário superar muitos preconceitos [...]” (Menezes, 2002, p.12).

Agora, apresentaremos exemplos com os verbos *dicendi* mais utilizados em discurso direto:

- a) “[...] ainda **comentam** que: o campo da arte é dificilmente delimitável: cronologicamente [...] e geograficamente”. (Santos, 2002, p. 09).
- b) “Noronha **descreve** esse período: Devido ao alto custo, a maioria das escolas públicas não pode implantar, de fato, a proposta profissionalização [...]”. (Menezes, 2002, p. 20).
- c) “Mahatma Gandhi **declarou**: ‘quando a humanidade estiver unida e praticar o que foi delineado por Jesus no sermão do Monte, o mundo viera em paz’”. (Araújo, 2007, p. 13).
- d) “Orlandi conceituando essa palavra **expõe** que ‘o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem. Com o estudo do discurso observa-se o homem falando’”. (Araújo, 2007, p. 73).
- e) “Magalhães por exemplo **diz** que o uso da linguagem é ‘constitutivo tanto de formas socialmente reprodutivas quanto de formas criativas, socialmente transformativas, com ênfase em uma ou outra em casos particulares, dependendo de suas circunstâncias sociais’”. (Nascimento, 2007, p. 20).

Por sua vez, no discurso híbrido, o enunciador ao recorrer à forma híbrida expõe o seu enunciado com a liberdade do discurso indireto, ao mesmo tempo que o enleva, dando maior serenidade ao seu dito ao trazer a fala precisa do enunciador citado, marcada pelas aspas. Essa voz denomina-se “ilha textual” ou “ilha enunciativa” devido ao encaixe perfeito entre as palavras do narrador e o fragmento citado. Trata-se de fato de um ajuste somente percebido devido à colocação das aspas pelo enunciador citante tornando clara a sua ocorrência. Conforme Maingueneau (2001, p. 151) “nesse tipo de discurso relata-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

do a *ilha* está perfeitamente integrado à sintaxe: só a tipografia permite verificar que essa parte do texto não é assumida pelo relator”. Para ratificar a referida informação, explanaremos alguns exemplos em que o discurso híbrido está presente:

- a) “Desde o início da guerra, o cotidiano do Brasil foi alterado, **‘havia dificuldades de importação, o petróleo era escasso. A saída foi usar gasogênio nos automóveis’**. O uso do gasogênio em ônibus e automóveis privados foi destacado por Roney Cytrynowicz como um símbolo de engenhosidade nacional.”(Santos, 2005, p. 16).
- b) “[...] Dois artigos intitulados: ‘A Influência da Imprensa e do Cinema de Gênero Criminal sobre os Menores’ e ‘A Classificação Moral dos Filmes’, onde este último discute o fortalecimento das comissões de censura a filmes **‘inconvenientes a boa família’**.”(Silva, 2000, p. 24).
- c) “Em 1808, Estância é uma ‘formosa povoação’ no dizer D. Marcos Antônio de Souza, com uma ‘capela majestosa’ de Nossa Senhora de Guadalupe e uma **‘pulpulação de costumes pacíficos e doces’**.” (Santos, 2002, p. 8).

No que concerne ao uso das aspas, as mesmas são utilizadas para indicar a fala do outro, sem, contudo, o texto perder sua ordem sintática. A palavra do outro pode ser indicada entre aspas para explicitar que o enunciador se apropriou de um termo, um termo que já foi enunciado em outro espaço discursivo. “Muitas vezes colocar uma unidade entre aspas significa transferir a responsabilidade de seu emprego para a outra pessoa” (Mainueneau, 2001, p. 161). Algumas das exemplificações com o uso de aspas estão abaixo relacionadas:

- a) “[...] Na capital e no interior, realizaram-se comícios condenando o fascismo, denunciando a **‘quinta-coluna’** e enaltecendo o exemplo das nações que lutavam pelos valores democráticos de liberdade e igualdade.” (Santos, 2005, p.10).
- b) “Uma das preocupações de Jean-Clauder Bernadet, em seu livro ‘O Que é Cinema’ é justamente esse **‘ritual’** de preparação na escolha de roupas, compra ou reserva de ingressos [...]”. (Silva, 2000, p. 22).
- c) “[...] Judite foi uma criança alegre e meiga que adorava brincar, gostava de subir nos coqueiros do quintal de sua casa, brincar de **‘manja’** com os amigos e andar de bicicleta, mesmo contra a vontade do irmão que a ameaçava [...]”. (Santos, 2002, p. 51).

QUADRO-RESUMO DOS EXEMPLOS

Podemos visualizar os resultados através de um quadro-resumo, nele, isolaremos alguns dos recursos utilizados para apontar a voz do outro. Apontaremos também os participantes desse evento comunicativo e o tipo de linguagem utilizada.

**TRABALHO ACADÊMICO:
ESPAÇO DISCURSIVO DE POLIFONIZAÇÃO OU MONOFONIZAÇÃO**

PARTICIPANTES: pesquisador e banca examinadora

LINGUAGEM: acadêmica, acessível a pessoas da área que comungam da mesma comunidade de prática.

OBJETIVO: defender uma tese e gerar conhecimento.

ESTRATÉGIAS POLIFÔNICAS: discurso direto, discurso híbrido e aspás.

DISCURSO DIRETO	DISCURSO HÍBRIDO	ASPAS
“Como afirma Froença Filho ‘o discurso literário traz em certa medida, a marca da opacidade: abre-se para um tipo específico de decodificação e ao universo de receptor’.” (Santos, 2006, p.17).	“Quanto às ciências sociais a AD herda não só alguns conceitos como as teorias em relação à ideologia, pois ‘considera os processos e as condições de produção de linguagem pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer’.” (Araújo, 2007, p. 19).	“Essas lógicas legítimas por adoção de técnicas acabam por determinar um pensar e um fazer jornalístico ‘atrofiados’. Em lugar desse ‘jornalismo atrofiado’, do qual só podem derivar textos também atrofiados, o autor propõe um ‘jornalismo ampliado’, [...]” (Santos, 2006, p. 38).

CONCLUSÃO

As estratégias discursivas destacadas envolveram o discurso direto, o discurso híbrido e as aspás. A própria academia exige que as pesquisas sejam fundamentadas em autores que já discorreram sobre o assunto. Contudo, não se pode negar que mesmo o DD precisa ser lido dentro de suas limitações, não de sua objetividade, mas de sua subjetividade; pois, afinal, a citação foi deslocada do seu contexto de origem, vejamos o que afirma Maingueneau,

Como a situação de enunciação é reconstruída pelo sujeito que relata, é essa descrição necessariamente subjetiva que condiciona a interpretação do discurso citado. O DD não pode, então ser objetivo: por mais que seja fiel, o discurso direto é sempre apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar enfoque pessoal (Maingueneau, 2001, p. 141).

Como afirma o lingüista, o DD representa somente um fragmento de texto, e este “submetido ao enunciador do discurso citante”, que se utiliza de estratégias lingüísticas e discursivas para lhe dar enfoque pessoal, para apresentar sua subjetividade, mesmo em um trabalho acadêmico.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Se tal fato ocorre no DD, é de se esperar que a subjetividade do autor pode ser mais forte em outros recursos da língua com o uso do DI, seja apicado no discurso híbrido ou por aspas, pois a apropriação das palavras do outro ocorre diluídas no enunciado citante ou em sua sintaxe.

Assim sendo, através da identificação e análise das marcas discursivas do discurso reportado, podemos constatar a influência do aspecto dialógico da linguagem segundo a perspectiva bakhtiniana, corroborando sua visão de que toda linguagem é dialógica. Porém, esse dialogismo como princípio pode tender a uma monologização, principalmente em trabalhos acadêmicos, considerando que todas as vozes que são evocadas aí, seja em discurso direto, seja em forma híbrida ou em aspas, são evocadas para defender um ponto de vista, e não para polemizar sobre este ponto de vista.

Nesses tipos de gênero, o pesquisador se utiliza da voz do outro para corroborar seu discurso, assim não poderíamos falar em polifonização, mas em monofonização, já que as vozes não polemizam entre si.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Anacilecy dos Santos Feitosa. *A Análise do Discurso na Palestra de Auto Ajuda: um estudo de caso*. Monografia de Especialização em Letras da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.

GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. “Em busca de uma tipologia de eventos de divulgação científica”. In: SILVA, Denize Elena Garcia da; VIEIRA, Josênia Antunes. *Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Oficina editorial do Instituto de Letras, Editora Plano, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MENEZES, Débora Maria de. *A Relação Educação/Trabalho: um estudo sobre a eficiência do Telecurso 2000 na vida do trabalhador*. Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de graduação em pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Tiradentes, Aracaju, 2002.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

MEY, Jacob L. 2001. *As vozes da sociedade*. Campinas: Mercado de Letras.

NASCIMENTO, Megliane Santos. *Análise do Discurso: uma teoria social da linguagem*. Monografia de Especialização em Letras da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2007.

SANTOS, Deolinda Gomes dos. *Sagrado ou profano?: a arte de Judite Melo (1964-2000)*. Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado em curso de história da Universidade Federal de Sergipe, Pólo de Estância, 2002.

SANTOS, Gabriela de Melo. *Jornalismo Narrativo uma Alternativa para os Jornais Diários*. Trabalho de TCC apresentado ao Depto de comunicação da UFS, Aracaju, Sergipe, 2006.

SANTOS, Sílvia Carolina. *Movimento estudantil em tempos de guerra (1992-1943)*. Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de graduação em história da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2005.

SILVA, Sueli Bispo da. *O fim do sonho: A Morte do Cine Vera Cruz e a Crise do Cinema em Bairro em Aracaju (dos anos 45 aos 90)*. Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado em curso de graduação em história da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2000.